



Organizações & Sociedade

ISSN: 1413-585X

revistaoes@ufba.br

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Madeira, Adriana Beatriz; Giesbrecht da Silveira, José Augusto; Luciano Toledo, Geraldo

PESSOAS QUE VIVEM SOZINHAS EM CIDADES BRASILEIRAS

Organizações & Sociedade, vol. 15, núm. 47, octubre-diciembre, 2008, pp. 33-48

Universidade Federal da Bahia

Salvador, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400638303004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PESSOAS QUE VIVEM SOZINHAS EM CIDADES BRASILEIRAS

Adriana Beatriz Madeira*

José Augusto Giesbrecht da Silveira **

Geraldo Luciano Toledo***

RESUMO



objetivo do trabalho consiste no estudo do grupo de pessoas que vivem sozinhas nas oito mais populosas capitais brasileiras. Utiliza-se como base de dados os Censos de 1970, 1980, 1991 e 2000 (IBGE) e analisam-se as variáveis de segmentação demográficas e sócio-econômicas, sexo, faixa etária, renda, alfabetização, aposentadoria e posse do domicílio. Verificou-se um crescimento superior desse estrato social em comparação com a população total e a existência de tendências gerais, como a participação crescente de pessoas nas faixas etárias superiores a sessenta anos, aposentados e predominância de mulheres. Além disso, perceberam-se diferenças acentuadas entre as cidades. Acredita-se que a sistematização desses dados poderá servir de subsídio para diversos setores de atividades como indústria, varejo, serviços e, também, para as questões relacionadas ao planejamento urbano, arquitetura, administração pública e gestão do meio ambiente.

ABSTRACT

T

his work studies people living alone in Brazil's eight most populated capital cities. Drawing on 1970, 1980, 1991 and 2000 data from the country's census bureau (IBGE), it analyzes demographic and socioeconomic segmentation variables (gender, age range, literacy level and ownership of residence). An increase in lone-person households was observed in comparison to the overall population. Some general trends were also identified, such as the growing participation of people over the age of sixty, retirees and the predominance of women. Besides that, substantial differences were found among the eight cities. Grouping such data may provide support not only for several activity sectors, such as industry, retail and services, but also for issues related to urban planning, architecture, public administration and environment management.

*Prof^a da Universidade Presbiteriana Mackenzie

**Prof. da USP

***Prof. da USP

Introdução

Há alguns anos, poucas pessoas moravam sozinhas. As famílias, normalmente, eram numerosas e tinham por hábito agregar parentes próximos. Atualmente, há uma tendência de redução do tamanho médio das famílias, devendo a uma multiplicidade de motivos: os casamentos são mais tardios, o número de divórcios é crescente e os homossexuais passaram a levar uma vida independente.

Dados do IBGE revelam que, em 1991, 5,7% dos domicílios brasileiros eram habitados por apenas um único morador; cerca de dez anos depois, o índice atingia 9,1% (NIGRO, 2001; PACHECO, 2003; MARIZ, BOCCIA, 2003). No mesmo ano, existiam quatro milhões de domicílios habitados por uma única pessoa (FERREIRA, 2002). Registre-se, ainda, o fato de que mais de 4,6 milhões de domicílios surgiram entre 1991 e 2000, em consequência da redução do número de indivíduos por domicílio. O número de habitações vem aumentando substancialmente a uma taxa superior a do crescimento demográfico. Atender as necessidades e exigências do estrato social composto por pessoas que vivem sozinhas é trabalhar com cerca de dez por cento dos domicílios brasileiros.

Contudo, estatísticas podem mascarar alterações significativas no número de moradores por unidade habitacional e os efeitos decorrentes desse fenômeno. Essa dinâmica influencia o consumo *per capita* (LIU *et al*, 2003). Nesse sentido, duas questões impõem-se. A primeira diz respeito ao impacto da tendência no ambiente econômico e sociocultural. A segunda questão relaciona-se às características descritivas do grupo que podem interferir nos seus hábitos de consumo.

O Brasil faz parte dos dez países que ostentam as maiores taxas de participação de indivíduos que vivem sós em relação ao total da população (LIU *et al*, 2003). Porém, o estudo do fenômeno é recente, e a bibliografia sobre ele oferece informações escassas, dispersas e incompletas. Sob essa perspectiva, abre-se uma oportunidade para investigar o fenômeno com maior profundidade, a fim de sistematizar informações e organizá-las de modo a torná-las úteis para a análise e tomada de decisão em diversos setores de atividades econômicas e sociais.

O intuito do estudo é fornecer dados socioeconômicos e destacar as taxas de crescimento dos diferentes segmentos que compõem o estrato populacional formado por indivíduos que vivem sozinhos nas oito mais populosas cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza, Curitiba, Recife e Porto Alegre. Acredita-se que a sistematização desses dados poderá servir de subsídio para avaliação das implicações do crescimento e composição do grupo de pessoas que vivem sozinhas em diversos setores de atividades, como indústria, varejo, serviços, e também para as questões relacionadas ao planejamento urbano, arquitetura, administração pública e gestão do meio ambiente.

O presente trabalho está organizado em três seções. Inicialmente, apresenta-se uma fundamentação teórica focando o processo de segmentação de mercados, com o intuito de permitir entender a fragmentação do grupo de pessoas que moram sozinhas em segmentos. Dessa maneira, procura-se identificar o perfil de segmentos que interessam a diversos setores de atividade. Em seguida, são organizados os dados coletados de fontes secundárias, como artigos e registros na *internet*, que abordam questões sobre a população que vive só. A terceira seção comprehende o registro dos resultados da análise dos dados relativos ao tema objeto do estudo, a indicação das tendências identificadas e as considerações finais, incluindo considerações sobre os limites de tal tipo de análise e sugestões para outras pesquisas.

Fundamentação Teórica

Por meio da fundamentação teórica, procurou-se analisar e compreender os princípios e os elementos basilares do tema em estudo, focalizando particularmente o conceito de segmentação de mercado, o qual possibilita um suporte mais

efetivo para a descrição das características dos indivíduos que vivem sozinhos em determinadas metrópoles brasileiras.

O conceito de segmentação de mercado é importante porque informa que o mercado não é um todo homogêneo; ele se compõe de vários grupos de pessoas, as quais apresentam características e perfis diferentes. Sendo assim, um segmento de mercado constitui-se de um agrupamento de indivíduos que possuem características similares entre si. Weinstein (1995) completa o conceito:

A segmentação é o processo de dividir mercados em grupos de consumidores potenciais com necessidades e/ou características similares, que, provavelmente, exibirão comportamento de compra similar. O objetivo da pesquisa de segmentação é analisar mercados, encontrar nichos e oportunidades e capitalizar por meio de uma posição competitiva superior. Isto pode ser conseguido pela seleção de um ou mais grupos de usuários como alvos da atividade de marketing e pelo desenvolvimento de programas de marketing únicos para atingir esses consumidores potenciais (segmentos de mercado) (WEINSTEIN, 1995, p. 18).

Existem quatro benefícios principais que se podem atingir pela análise e pela aplicação da estratégia de segmentação de mercado (WEINSTEIN, 1995): projetar produtos que atendam eficazmente às necessidades do mercado; elaborar estratégias de comunicação eficazes; avaliar a concorrência em relação à sua posição de mercado; e fornecer subsídios para a definição de estratégias competitivas e de marketing.

Ao descrever os diversos segmentos, procura-se identificar o maior grau de heterogeneidade entre eles e algo próximo da homogeneidade interna (CZINKOTA, KOTABE, MERCER, 1997).

A segmentação de mercado foi, primeiramente, abordada em artigo publicado em 1956 por Wendell Smith. Historicamente, diversos tipos de segmentação foram adotados. O primeiro refere-se à segmentação geográfica. Nos Estados Unidos, pequenas manufaturas que desejavam limitar seus investimentos escolheram segmentar ou dividir o mercado e vender seus produtos em apenas algumas áreas geográficas específicas. Esse tipo de segmentação se tornou popular entre empresas manufatureiras, varejistas, bancos e prestadores de serviços. O segundo tipo de segmentação, a segmentação demográfica, surgiu da necessidade de se atenderem mercados nacionais e, também, mercados dispersos. Na segmentação demográfica são utilizadas variáveis como idade, sexo, renda, ocupação, raça, entre outras, as quais podem ser úteis para dimensionar o potencial de mercado e definir os objetivos gerais de uma empresa (TOLEDO, 1972; HALEY, 1985; WEINSTEIN, 1995; KOTLER, 1995; KOTLER, ARMSTRONG, 1999; CZINKOTA, KOTABE, MERCER, 1997; BOONE, KURTZ, 1998; LAMBIN, 1989, 2000). O terceiro tipo a ser utilizado foi a segmentação com base comportamental; e, por fim, a segmentação psicográfica.

O estudo da demografia estabelece uma aproximação com determinadas características descritivas do comportamento do consumidor, identificadas por meio de um conjunto de variáveis associadas a aspectos objetivos e factuais. A análise de tendências demográficas decorrentes de características econômicas, como renda ou capacidade de compra, pode ser empregada, por exemplo, na previsão de demanda e consumo ao longo do tempo, por ser baseada em dados objetivos. O emprego de variáveis demográficas auxilia a análise para subsidiar os processos de decisão relacionados com desenvolvimento de produtos, estratégia de marcas, escolha e programação de mídia, especificação e processos de comunicação.

A análise geodemográfica, por sua vez, agrega aos estudos demográficos a avaliação do local em que vivem os indivíduos, quanto ganham e como gastam os seus recursos. Uma estrutura base para essa avaliação é a cidade (BLACKWELL, MINIARD, ENGEL, 2001).

Este estudo apóia-se nos princípios da segmentação de mercado, para desenvolver a análise do estrato populacional constituído por pessoas que vivem sozinhas. Considera-se a cidade como unidade de análise e descreve-se o perfil do grupo por meio de variáveis de caráter geodemográficos e socioeconômicos, procurando organizar os dados de forma mais consistente e estruturada.

O macro-segmento da população que vive sozinha resulta de um movimento que se iniciou há alguns anos, em consequência das alterações das estruturas sociais, as quais têm provocado, como efeito colateral, o crescimento dessa população. É nas metrópoles que o fenômeno se verifica mais intensamente (LIU *et al.* 2003). O estudo desses autores foi o primeiro a destacar com maior grau de profundidade o impacto do comportamento das pessoas que moram sozinhas sobre o ambiente em que elas vivem (BORGES, 2003). No estudo, revelou-se que 76 países do mundo apresentavam as maiores taxas de participação desse grupo em relação à população total, e que o Brasil integrava os dez primeiros países.

Segundo Liu *et al.* (2003), o tamanho e a taxa de crescimento da população são sempre considerados importantes determinantes dos impactos negativos causados ao meio ambiente. Entretanto, a dinâmica domiciliar é usualmente negligenciada. As estatísticas demográficas podem mascarar mudanças substanciais no tamanho e no número dos domicílios e os seus efeitos. Mesmo quando o tamanho da população declina, presencia-se uma tendência de aumento do número de domicílios, o qual tende a provocar maior consumo de recursos. A diferença entre as taxas de crescimento da população e do número de domicílios sugere atenção especial para o impacto dessa última tendência (MADEIRA, 2005).

As causas atribuídas para a redução do número de indivíduos por domicílio podem estar associadas a uma multiplicidade de fatores simultâneos: redução da taxa de fertilidade, aumento da renda *per capita*, aumento das taxas de divórcio, envelhecimento da população e declínio da incidência de famílias compostas por parentes de várias gerações (BORGES, 2003).

Segundo o IPEA, Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (*apud* BORGES, 2003), estudos apontam um fenômeno mundial de aumento do individualismo habitacional, com início no final da Segunda Guerra, e intensificação a partir dos anos 80, devido ao surgimento de uma espécie de ideologia individualista. Observa-se um novo estilo de vida que se instaura de forma crescente e associa-se a novas configurações de família: aumento de separações, diminuição do número de casamentos e o fato de pessoas com relações maritais estáveis viverem em casas separadas (BORGES, 2003).

Vive-se hoje uma transição de valores familiares que é marcada pelo encolhimento das estruturas familiares e o crescimento de um grupo composto por indivíduos que vivem sozinhos. Desde 1960, as taxas de divórcio vêm aumentando e a taxa de natalidade decrescendo. As mudanças são observadas desde a Revolução Industrial, ocorrida há mais de duzentos anos. Na era pré-industrial, a família numerosa era a norma. Ela gerava estabilidade econômica, o que representava uma situação de bem-estar. O domicílio era a unidade primária de produção. Trabalho e vida familiar integravam-se de forma indissociável. Trabalhadores domésticos, juntamente com amigos e parentes, compunham a unidade domiciliar (WILKINSON, 1999; MARIZ, BOCCIA, 2003). Com o advento da sociedade industrial e o crescimento dos grandes aglomerados populacionais, a família se transforma e torna-se cada vez menor. A família extensa cede lugar para o núcleo familiar, e os papéis desempenhados por cada sexo passam a ser rigorosamente demarcados, ou seja, os homens trabalham fora e as mulheres ficam em casa e cuidam dos filhos. Esse padrão familiar representou a base para o modelo que surgiu após 1945, caracterizado pelo paternalismo do empregador, crescimento dos níveis de vida e trabalho e de segurança.

Panorama da Ocupação Domiciliar no Brasil e o Recorte Metodológico do Objeto

No Brasil, mais de 4,6 milhões de domicílios surgiram entre 1991 e 2000, como consequência da redução do número de pessoas por domicílio (LIU *et al.* 2003). Em 2000, existiam no país quatro milhões de domicílios constituídos por uma única pessoa, os quais passaram a ser alvo do interesse e da ação de

marketing de algumas indústrias integrantes de ramos específicos de atividade, como de alimentos, bebidas, produtos de higiene pessoal e de limpeza doméstica. No mesmo censo do IBGE, revelou-se que as pessoas estão se casando menos e o fazem com mais idade, principalmente no extrato da população com maior renda, enquanto as separações formais (divórcios) estão acontecendo mais cedo e em número maior a cada ano pesquisado (*apud* FERREIRA, 2002).

O Brasil dispõe de poucos e incompletos estudos sobre as pessoas que vivem sós. Com base nos dados censitários disponíveis, é possível gerar um conjunto de dados e de informações que podem ser utilizados por vários setores: no setor público, para facilitar o processo de gestão e nortear a definição de políticas voltadas para urbanismo e bem-estar, e para questões relacionadas com a preservação e melhoria do meio ambiente; nos setores industrial e terciário (comércio e serviços), fornecendo informações para formulação de estratégias de crescimento e competitivas e de práticas comerciais, como desenvolvimento de novos produtos e serviços, desenvolvimento de novos mercados e posicionamento de mercado.

Do ponto de vista metodológico este estudo objetivou identificar os diferentes segmentos que compõem o macro-segmento formado por indivíduos que vivem sozinhos, tendo por base dados de levantamentos censitários do IBGE. Especialmente para elaborar a pesquisa, recorreu-se à análise em profundidade de dados provenientes dos Censos brasileiros relativos aos anos de 1970, 1980, 1991 e 2000, abrangendo oito capitais de Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza, Curitiba, Recife e Porto Alegre. As variáveis de segmentação investigadas foram sexo, idade, renda, alfabetização, aposentadoria (aposentado ou não) e condição do domicílio de residência (próprio ou não).

Nesse sentido, Curry (1993, p.199/202) reforça a relevância dos estudos com base em Censos, pois para ele os

Censos são pesquisas de caráter geodemográfico que, por esse motivo, se compõem de dados agregados de bases demográficas referentes aos lares investigados, inseridos em uma unidade geográfica. A mensuração agregada de dados geodemográficos tem por objetivo identificar os grupos ou segmentos (*clusters*) que apresentam descrição parecida.

Segundo o autor, pessoas que vivem em áreas com características sociais, econômicas e demográficas semelhantes tendem a apresentar hábitos similares de compra, de preferências de *mídia* e de produtos.

Em conformidade com os objetivos do estudo, os dados contemplados referem-se a informações de caráter geodemográfico e socioeconômico a respeito dos indivíduos habitantes dos domicílios pesquisados pelos Censos brasileiros. Esses dados figuraram como a base sobre a qual se assentou a análise acerca das características classificadoras e descriptivas do comportamento dos indivíduos que vivem sozinhos, sob as perspectivas geodemográfica, econômica e sociocultural.

Preliminarmente, foi realizada uma avaliação minuciosa da organização dos bancos de dados censitários correspondentes aos períodos abrangidos pela pesquisa. Esses bancos de dados foram coletados pelo IBGE por meio de um processo de amostragem probabilística sistemática, compreendendo 25% da população total de cada cidade. Os dados e seus esquemas de organização apresentam muita heterogeneidade, tanto na quantidade de variáveis quanto nas categorias que as compõem e nos critérios (conceitos) de classificação adotados. Além disso, há variações na metodologia adotada para entrevistar os indivíduos recenseados e para a construção das variáveis. Por esse motivo, a comparação imediata entre os bancos de dados se torna inviável ¹.

¹ As limitações do trabalho residem na própria constituição e estrutura dos dados, e podem ser resumidas nas seguintes restrições: apesar de existirem Censos Demográficos anteriores a 1970, as informações estão registradas em forma de banco de dados informatizado apenas a partir daquela data; os critérios e os procedimentos empregados nos recenseamentos variam entre os Censos; o estudo se desenvolveu a partir de um banco de dados modificado, produto de ajustes e de um processo de padronização, utilizando apenas as variáveis consideradas nos quatro Censos que se mostraram comparáveis; o estudo restringiu-se à análise de oito metrópoles.

A fim de atender os objetivos do estudo, fez-se necessária à construção de um novo banco de dados, composto somente pelas variáveis que pudessem ser comparáveis ao longo do período coberto pelos quatro Censos. As variáveis resultantes da seleção foram ajustadas e uniformizadas, atendendo a um mesmo padrão.

A análise compreendeu o cálculo das freqüências e das medidas de posição, tendo sido utilizada, ainda, a técnica *Crosstabs* de análise cruzada dos dados de duas variáveis, informando a quantidade de casos e o seu percentual de participação por categoria de uma variável em relação à determinada categoria da outra variável. A análise conjunta dos resultados oriundos desses tratamentos tornou possível identificar as variáveis relevantes para a caracterização das pessoas que vivem sozinhas.

Aplicou-se, também, a técnica de Análise de Conglomerados às variáveis de caracterização dos indivíduos que vivem sós, com o objetivo de segmentá-los em grupos mutuamente exclusivos, homogêneos internamente e heterogêneos entre si. Os tratamentos foram realizados por cidade e por Censo.

Como resultado, identificaram-se os segmentos que compõem o macro-segmento de indivíduos que vivem sozinhas e suas características demográficas e socioeconômicas. Os resultados obtidos foram avaliados e organizados de modo a destacar as similaridades e divergências ao longo do tempo.

O Perfil das Pessoas que Vivem Sós

Artigos e outras fontes relacionadas ao tema apontavam para a existência de certa semelhança na composição do macro-segmento dos que moram sozinhas no Brasil. Ou seja, que o macro-segmento teria características semelhantes independentemente da localização geográfica dos centros urbanos em foco. No entanto, a primeira descoberta deste estudo aponta para diferenças acentuadas entre as cidades. Outra descoberta do estudo é o fato de as maiores taxas de crescimento do grupo não se relacionarem diretamente com as cidades que apresentam as maiores participações de domicílios habitados por uma única pessoa. Isso sugere que poderá haver mudanças na classificação das maiores cidades por número relativo de domicílios habitados por um único morador, futuramente.

A tabela 1 mostra os dados referentes aos totais de domicílios habitados por uma única pessoa, sua participação percentual em relação ao total de pessoas, levando em conta os quatro Censos e as oito cidades consideradas². Pode-se perceber a tendência para o aumento da participação de pessoas que vivem sozinhas no total da população. Identifica-se nas oito cidades uma taxa média de participação correspondente a 1,34%, em 1970; 1,79%, em 1980; 2,27%, em 1991 e 3,24%, em 2000. A taxa de crescimento anual do número de domicílios, no período compreendido entre 1970 e 2000, corresponde a 2,94%. É nítido o aumento da participação percentual de indivíduos que vivem sós em relação à população total, conforme pode ser visualizado no gráfico 1.

² Os dados coletados, tratados estatisticamente e analisados, referem-se a domicílios particulares permanentes que, segundo definição do IBGE, são edificações com finalidade exclusiva de moradia e que, na data de referência, serviam de habitação para uma ou mais pessoas.

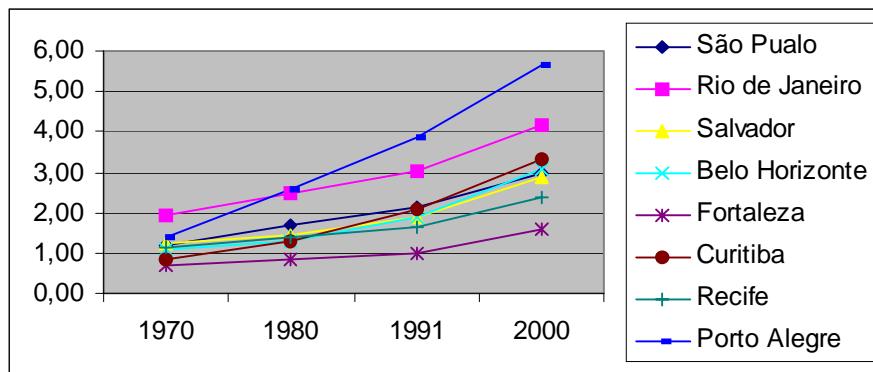
Tabela 1 – Total de Pessoas em Domicílios Particulares Permanentes

Municípios	População - Total de pessoas em domicílios particulares permanentes - IBGE					
	1970			1980		
	uma pessoa	%	total	uma pessoa	%	total
São Paulo	64674	1,18	5498631	140910	1,70	8306388
Rio de Janeiro	75823	1,93	3931993	124115	2,48	4996785
Salvador	11537	1,23	936721	20890	1,42	1473844
Belo Horizonte	12599	1,08	1170741	23073	1,31	1756827
Fortaleza	5410	0,68	800883	11187	0,86	1296683
Curitiba	4642	0,82	564569	12955	1,29	1004451
Recife	11148	1,13	987992	16614	1,40	1187172
Porto Alegre	11177	1,39	805799	28322	2,57	1099967

Municípios						
	1991			2000		
	uma pessoa	%	total	uma pessoa	%	total
São Paulo	203077	2,13	9528774	308121	2,98	10340047
Rio de Janeiro	164657	3,03	5429554	242000	4,17	5807228
Salvador	38656	1,88	2058336	69707	2,87	2428487
Belo Horizonte	37909	1,89	2004265	67975	3,05	2226076
Fortaleza	17786	1,01	1760074	34047	1,60	2132078
Curitiba	27274	2,10	1301669	52515	3,33	1576199
Recife	21226	1,64	1291133	33806	2,39	1413351
Porto Alegre	48644	3,89	1248951	76253	5,66	1346477

Fonte: elaborado pelos autores, com base nos dados do IBGE.

Gráfico 1 – População de Vive Sozinha em Relação ao Total da População



Fonte: elaborado pelos autores, com base nos dados do IBGE.

Ao se compararem os totais de domicílios habitados por uma única pessoa, em relação ao total de domicílios, constata-se as seguintes taxas médias de participação: 5,97%, em 1970; 7,43%, em 1980; 8,60% em 1991; 11,22%, em 2000. Os dados revelam um grupo expressivo de pessoas nesta condição, conforme a Tabela 2.

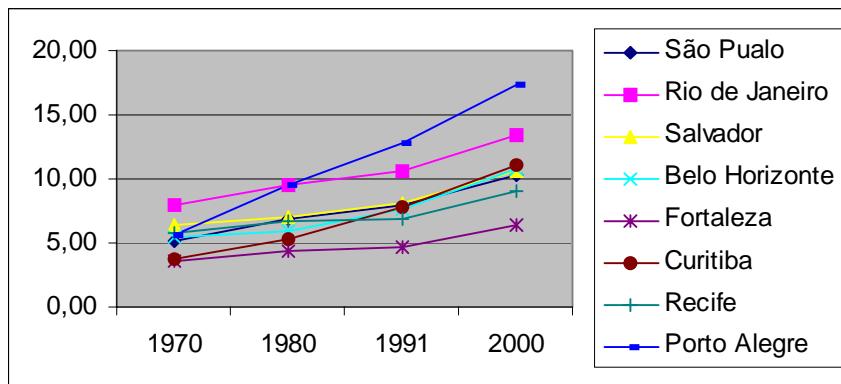
Tabela 2 – Domicílios com uma Pessoa em Relação ao Total de Domicílios

Municípios	Domicílios com uma pessoa X total de domicílios - IBGE/ IPEA					
	1970			1980		
	uma pessoa	%	total	uma pessoa	%	total
São Paulo	64674	5,08	1272279	140910	6,83	2062196
Rio de Janeiro	75823	7,95	953883	124115	9,54	1301073
Salvador	11537	6,45	178881	20890	6,99	299025
Belo Horizonte	12599	5,49	229571	23073	6,01	383973
Fortaleza	5410	3,66	147640	11187	4,39	255088
Curitiba	4642	3,69	125653	12955	5,38	240932
Recife	11148	5,76	193609	16614	6,73	246727
Porto Alegre	11177	5,65	197728	28322	9,46	299368

Municípios	Domicílios com uma pessoa X total de domicílios - IBGE/ IPEA					
	1991			2000		
	uma pessoa	%	total	uma pessoa	%	total
São Paulo	203077	7,99	2540656	308121	10,32	2985977
Rio de Janeiro	164657	10,55	1560691	242000	13,43	1802347
Salvador	38656	8,08	478128	69707	10,70	651293
Belo Horizonte	37909	7,58	500062	67975	10,82	628447
Fortaleza	17786	4,61	386053	34047	6,47	526079
Curitiba	27274	7,78	350699	52515	11,15	471163
Recife	21226	6,93	306071	33806	8,99	376022
Porto Alegre	48644	12,81	379855	76253	17,31	440557

Fonte: elaborado pelos autores, com base nos dados do IBGE e do IPEA.

Gráfico 2 - Domicílios com uma Pessoa em Relação ao Total de Domicílios



Fonte: elaborado pelos autores, com base nos dados do IBGE e do IPEA

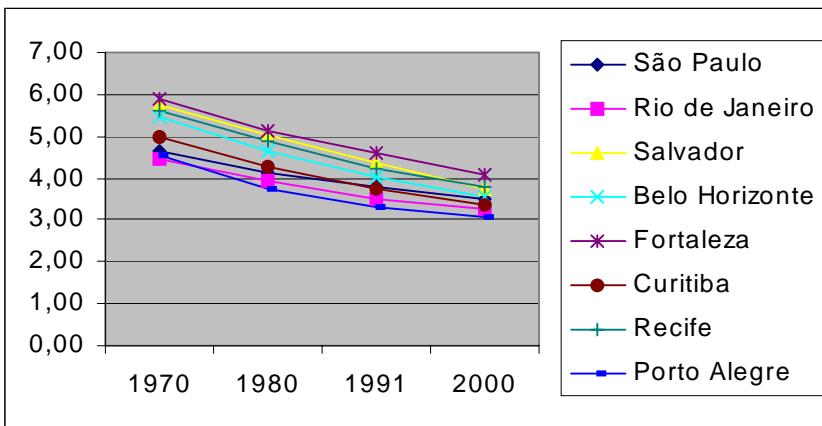
Constata-se a diminuição do número de pessoas por domicílios pela redução da média de pessoas por domicílio, conforme apresentado na tabela 3. A taxa de crescimento anual da população que vive sozinha representa 5,13%, no período entre 1970 e 2000.

Tabela 3 – Média de Pessoas por Domicílio

Municípios	Média de pessoas por domicílio - IPEA			
	1970	1980	1991	2000
São Paulo	4,65	4,11	3,80	3,49
Rio de Janeiro	4,46	3,91	3,51	3,25
Salvador	5,74	5,02	4,34	3,75
Belo Horizonte	5,46	4,63	4,03	3,56
Fortaleza	5,91	5,12	4,58	4,07
Curitiba	4,97	4,25	3,74	3,37
Recife	5,60	4,88	4,24	3,78
Porto Alegre	4,57	3,76	3,33	3,09

Fonte: elaborado pelos autores, com base nos dados do IPEA

Gráfico 3 - Média de Pessoas por Domicílio



Fonte: elaborado pelos autores, com base nos dados do IPEA

Nas oito capitais estudadas, enquanto a população total cresceu a um taxa anual de 1,85%, o macro-segmento de pessoas que vivem sozinhas aumentou a uma taxa anual igual a 5,13% (1970 até 2000). Registre-se, ainda, o fato de que o número de domicílios tem crescido a uma taxa anual de 2,94%, o que representa uma redução do número de indivíduos por domicílio. Em síntese, a população total cresce a taxas inferiores ao crescimento do macro-segmento que vive sozinho, reforçando a pertinência e relevância deste estudo. Os dados fornecem informações úteis para a avaliação das diversas implicações do fenômeno e propiciam um suporte consistente para a tomada de decisão nos setores de varejo, serviço, indústria, urbanismo, arquitetura, administração pública e gestão do meio ambiente.

Por outro lado, o estudo revelou a existência de forte heterogeneidade na composição do macro-segmento dos indivíduos que vivem sozinhos, quando ele é decomposto em segmentos de acordo com as diversas possíveis combinações das variáveis de segmentação presentes no estudo (sexo, idade, renda, alfabetização, aposentadoria, condição de domicílio). Em seqüência, são apresentados resultados para cada cidade, tendo como primeira partição a quebra do macro-segmento entre aposentados e não aposentados. Sobre essa primeira divisão, são apresentadas outras variáveis que se destacam, conforme a cidade.

Entre 1970 e 2000, observa-se que, na cidade de São Paulo, os indivíduos que vivem sozinhos e que revelam a condição de aposentados são predominantemente do sexo feminino. Comunham esse grupo pessoas com 60 anos ou mais

que eram alfabetizadas e apresentavam rendimento nas faixas situadas entre um quarto e 10 salários mínimos. Já os indivíduos que moravam sozinhos e não estavam aposentados eram, principalmente, do sexo masculino, apresentando idade que variava entre 30 e 49 anos; eram alfabetizados e com rendimento nas faixas de renda compreendidas entre cinco e 20 salários mínimos, no período considerado.

Na cidade do Rio de Janeiro, as pessoas aposentadas e que moravam sozinhas eram, principalmente, do sexo feminino, com 60 anos ou mais, alfabetizadas e estavam distribuídas nas faixas de renda desde um quarto até superior a 20 salários mínimos, de 1970 a 2000. Entre 1970 e 1991, os indivíduos não aposentados são principalmente do sexo masculino. Já entre 1991 e 2000, havia presença equilibrada dos dois sexos no grupo dos não aposentados. A parcela feminina desse grupo tinha idade superior a 50 anos; eram pessoas alfabetizadas e com renda em duas faixas: renda de até 2 salários mínimos e outra superior a 20 salários mínimos. A parcela masculina de não aposentados compõe-se de indivíduos alfabetizados, com idade entre 30 e 49 anos, e com participação em três faixas de renda: primeira, até 2 salários mínimos; segunda, entre cinco e 10 salários mínimos e a terceira, entre 10 e 15 salários mínimos.

Na cidade de Salvador, os dados de 1970 revelam que a população aposentada compunha-se majoritariamente de homens, situação revertida em favor das mulheres a partir de 1980 e até 2000. Em 1980, 48,19% das mulheres eram analfabetas, com idade igual ou superior a 60 anos, possuindo renda entre meio e um salário mínimo. A partir de 1991, apresentavam a mesma faixa etária, mas eram alfabetizadas. Em 2000, essas mulheres com idade de 60 anos ou mais e alfabetizadas apresentavam renda em duas faixas: uma, entre três e cinco salários mínimos, e outra, superior a 20 salários mínimos. Já a população que vivia só e não era aposentada apresentava predomínio de homens, e distribuía-se em diversas faixas etárias e de renda, ao longo do período estudado.

Belo Horizonte caracterizava-se pela predominância de mulheres aposentadas, no período compreendido entre 1970 e 2000. Elas revelavam idade igual ou superior a 60 anos, eram alfabetizadas e apresentavam rendas distintas, com concentração nas faixas de até dois salários mínimos e entre 15 e 20 salários mínimos. Os indivíduos não aposentados concentraram-se no sexo masculino em todo o período abrangido pelo estudo. Quanto à idade, a maior freqüência está situada na faixa entre 30 e 39 anos, são alfabetizados e apresentam renda de até dois salários mínimos, ou entre cinco e 10 salários mínimos ou, ainda, superior a 20 salários mínimos.

Na cidade de Fortaleza, as pessoas que viviam sozinhas e eram aposentadas concentravam-se na população masculina com 60 anos ou mais, em 1970. A partir de 1980 e até 2000, essa composição se altera, com predomínio da população feminina, com 60 anos ou mais, alfabetizada e distribuída em faixas de renda de até 3 salários mínimos e entre 5 e 10 salários mínimos. Já as pessoas não aposentadas, entre 1970 e 2000, eram majoritariamente do sexo masculino, com idade entre 30 e 39 anos; eram alfabetizadas e tinham renda de até dois salários mínimos ou entre cinco e 10 salários mínimos.

Na cidade de Curitiba, os indivíduos que viviam sozinhas e eram aposentados caracterizavam-se pela predominância feminina em todo o período estudado; eram pessoas situadas na faixa etária de 60 anos ou mais, alfabetizadas e possuíam renda de até cinco salários mínimos, ou superior a 20 salários mínimos. Entre os indivíduos que viviam sozinhas e não eram aposentados, verifica-se a predominância de mulheres alfabetizadas, em 1970, 1980 e 2000. Em 1991, a predominância dos indivíduos vivendo só e não aposentados, era do sexo masculino. Em 2000, as mulheres que viviam sozinhas e não eram aposentadas distribuíram-se nas faixas etárias compreendidas entre 20 até 59 anos, apresentando rendimento situado nas faixas de renda de até 5 salários mínimos ou superior a 20 salários mínimos.

Na cidade de Recife, a população que mora só é predominantemente aposentada e, entre 1970 e 2000, concentrava-se no sexo feminino, com 60 anos ou

mais, alfabetizada e com renda nas faixas de até 2 salários mínimos e entre 5 e 10 salários mínimos. Verifica-se, entre 1970 e 1980, a predominância de mulheres não aposentadas e, entre 1991 e 2000, a população de homens não aposentados era maioria na composição do macro-segmento. Entre 1991 e 2000, essa população masculina e não aposentada tinha, predominantemente, idade entre 30 e 39 anos, era alfabetizada e possuía renda de até dois salários mínimos, ou superior a 20 salários mínimos.

Entre 1970 e 2000, os indivíduos que vivem sozinhos e são aposentados, na cidade de Porto Alegre, caracterizam-se pela dominância do sexo feminino, fundamentalmente com mais de 50 anos, alfabetizados e apresentam predomínio de renda situada nas faixas até 2 salários mínimos ou entre 5 e 10 salários mínimos. Em 1970, 1980 e 2000, há mais mulheres entre os indivíduos que moram sozinhos e não são aposentados. Apenas em 1991, a predominância é masculina. Eles distribuem-se em diversas faixas etárias e de renda de maneira uniforme.

Apesar de São Paulo e Rio de Janeiro serem as duas cidades com os maiores números de pessoas que vivem sozinhas em termos absolutos, não apresentam as maiores taxas de crescimento para o grupo. Já Curitiba mostra altas taxas de crescimento anual, tanto para a parcela de aposentados quanto para a de não-aposentados. Salvador aparece como a campeã em crescimento da parcela dos moradores solitários aposentados. A capital a exibir a segunda maior taxa de participação de não-aposentados, em 2000, é Fortaleza, que, porém, aparece em penúltimo lugar quando se avalia a participação de domicílios com uma só pessoa em relação ao total. Porto Alegre figura como a cidade com maior participação de domicílios com apenas uma pessoa em relação ao total de domicílios, com 17,31% em 2000.

Ao realizar a análise de uma outra forma, ou seja, considerando cada variável de segmentação isoladamente e para a totalidade das cidades, em conjunto, podem-se observar outros aspectos expressivos no tocante ao macro-segmento da população que mora sozinha no Brasil.

A análise da variável que descreve a condição de aposentadoria ou não aposentadoria dos indivíduos que moram sozinhos indica uma participação crescente de aposentados durante o período compreendido entre 1970 e 1991. Em 1991, a parcela de aposentados representava 39,33% do total dos indivíduos que viviam sós. A partir de então decresce até a participação de 29,74% do total do grupo (em 2000). Em 2000, as cidades de Salvador e Fortaleza exibiam os maiores índices percentuais de não aposentados entre a população que vive sozinha, com porcentagens de 79,13% e 77,75%, respectivamente.

Ao avaliar-se a variável sexo, identifica-se, em 2000, a predominância de pessoas do sexo feminino, apresentando cifra superior a 55% do total dos indivíduos que moravam sozinhos, com exceção das cidades de Salvador e Fortaleza. Em Fortaleza, em 2000, havia participação praticamente igual de homens e de mulheres. Na cidade de Salvador, o sexo masculino predominava não só em 2000, mas em todo o período compreendido entre 1970 e 2000.

Nas faixas etárias, nota-se que a faixa situada entre 20 e 29 anos apresenta taxa declinante, chegando, em 2000, a 12,61% do total do grupo composto por pessoas que moram sozinhas, contra 18,07%, em 1970. A faixa etária com idade igual ou superior a 60 anos apresenta-se com taxa crescente, considerando-se o período compreendido entre 1970 e 2000, correspondendo a 36,73% do grupo, em 2000; no mesmo ano, as faixas etárias situadas entre 30 e 59 anos representavam cerca de metade do macro-segmento, com participação percentual de 49,68%.

Com referência ao ano de 2000, os dados que descrevem o estrato social formado por pessoas que viviam sozinhas, caracterizadas pelo fato de serem ou não alfabetizadas, revelam uma taxa média de analfabetos de 7,72%. As cidades de Salvador, Fortaleza e Recife ostentavam os maiores percentuais, respectivamente, 11,20%, 17,66% e 17,64%. Porém, as cidades de Curitiba e Porto Alegre mostram, para o mesmo período, as menores taxas de analfabetos, correspondentes a 5,28% e a 4,02%, respectivamente. Pelo menos no que diz respeito à alfabetização, existe uma aparente oposição no macro-segmento entre Nordeste e Sul.

A distribuição de renda no grupo acontece com participação decrescente, entre 1970 e 2000, nas faixas de renda entre um quarto e 10 salários mínimos. Contudo, as faixas de renda superiores (de 10 até 15, 15 até 20 e de mais de 20 salários mínimos) apontavam participação crescente no mesmo intervalo de tempo.

Em 2000, as cidades de Salvador, Fortaleza e Recife apresentam os maiores percentuais de pessoas sem renda no total do grupo (respectivamente 11,59%, 10,35% e 10,58%). As cidades de Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre revelam as menores cifras dessa categoria na composição da população de indivíduos que viviam sozinhos; respectivamente, 4,80%, 5,27% e 3,89%.

A condição de propriedade dos domicílios dos indivíduos que viviam sozinhos apresenta participação constante, em matéria de domicílios próprios, e declinante em relação aos domicílios alugados. Por fim, em 2000, na avaliação da condição dos domicílios, verifica-se que, em sua maioria, os indivíduos que viviam sozinhos possuíam imóveis próprios (média geral de 66,95%) ou alugados (24,99%).

Considerações Finais

Atender as necessidades e exigências do macro-segmento composto por indivíduos que vivem sozinhos é potencialmente trabalhar com cerca de 10% do total de domicílios das cidades estudadas. Verifica-se que a composição desse estrato populacional varia em função de sexo, idade, renda, condição de aposentadoria ou não, do nível de escolaridade (alfabetizados ou analfabetos) e da condição de propriedade e posse de seus domicílios de residência.

Embora se perceba diversidade, é possível identificar linhas condutoras e tendências. A composição do conjunto de pessoas vivendo sozinhas apresentou participação crescente de aposentados, até 1991, atingindo média geral máxima de 39,33%, considerando o total de cidades estudadas. Em 2000, verifica-se queda para o nível de 29,74%. Como possíveis justificativas desse fenômeno, apontam-se os seguintes motivos de natureza sócio-econômica: aumento da expectativa de vida, inicialmente, e, depois, necessidade de continuar trabalhando para viabilizar a subsistência.

Em 1970, a participação masculina representava menos da metade da população, apenas nas cidades de Curitiba, Recife e Porto Alegre. Somente Salvador compunha-se de maioria masculina em todo o período estudado. A partir de 2000, apenas Fortaleza apresentava composição equitativa entre homens e mulheres. Nas demais cidades, a população feminina era dominante e superava os 55% do total, percentual que é condizente com maior longevidade da população feminina em comparação à masculina.

As pessoas que viviam sozinhas se concentravam, predominantemente, nas faixas etárias superiores a 30 anos e tinham maior presença na faixa etária acima de 60 anos, limite a partir do qual situa-se mais de um terço dessa população. As pessoas nas faixas etárias de 30 a 39, de 40 a 49 e de 50 a 59 anos perfaziam, juntas, metade do grupo e se encontravam representadas de maneira muito semelhante. A faixa etária de 20 a 29 anos apresentou taxa de variação declinante, tendo atingido 12,61% do total em 2000, contra 18,07% em 1970.

Ainda em 2000, nota-se a existência de analfabetos em todas as cidades, com uma participação média de 7,72% do total do macro-segmento. Em 2000, Salvador tinha 11,20% e Fortaleza, 17,66% de indivíduos vivendo sós e analfabetos. Recife revelou a maior incidência de analfabetos desde 1970, com 41,17% do total da população, atingindo 17,64% em 2000. Em 2000, as cidades de Curitiba e Porto Alegre exibiram as menores taxas de participação de analfabetos (5,28% e a 4,02%, respectivamente) entre os indivíduos que moram sozinhos. Embora com redução, a participação de analfabetos no grupo ainda representava fator ponderável para os planos empresariais e governamentais.

Identifica-se uma polarização da participação das faixas de renda dominantes – de um lado, a baixa renda; de outro, a mais elevada. Ainda hoje, há significativa participação de indivíduos sem rendimento, cabendo destacar Salvador, Fortaleza e Recife. As menores participações ocorrem em Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre. Há dois grupos distintos de consumidores que vivem sós e apresentam distintas possibilidades e inclinações para consumo e para o acesso a serviços. Assim, claramente eles requererão estratégias específicas de atendimento por parte das empresas.

Por fim, quando se avalia a condição dos domicílios habitados pelo macro-segmento, em 2000, verifica-se que, em sua maioria, se trata de imóveis próprios ou alugados. Trata-se de outro desdobramento de variável que exigirá estratégias específicas das empresas e do governo.

O panorama descrito sugere a relevância de se considerar o aumento da população que vive sozinha e sua composição sócio-demográfica, quando se analisam as implicações do fenômeno sob as seguintes perspectivas: perfil quantitativo e qualitativo de consumo, produção de bens e serviços, organização do espaço urbano e política e gestão do meio ambiente.

Nesse sentido, o estudo apresentado neste artigo procura destacar importantes variáveis descritivas do problema, características socioeconômicas e taxas de crescimento. Torna disponível uma consolidação de dados reveladores da diversidade de composição do macro-segmento dos consumidores que vivem sós e que são importantes para a gestão estratégica de empresas e de organismos governamentais.

Contudo, o trabalho gerou outras indagações, decorrentes da análise do fenômeno abordado, da metodologia de pesquisa empregada e dos resultados encontrados, as quais podem sugerir questões complementares e suplementares para estudos futuros. Sugere-se investigar o comportamento do macro-segmento das pessoas que vivem sozinhas para outras metrópoles brasileiras; elaborar estudo longitudinal focando um período mais dilatado e Censos anteriores a 1970 ou, ainda, fazer pesquisa com amostras significativas estatisticamente para investigação das características dessa população em relação a seus valores, percepções e estilo de vida, hábitos de consumo e uso, em conformidade com diferentes segmentos socioeconômicos. Essas são apenas algumas das possibilidades de estudos que o tema descortina. A interpretação e a análise dos dados e os resultados registrados podem, ainda, produzir outras tantas questões, suposições e possibilidades de pesquisas e trabalhos que permitirão ampliar a compreensão das especificidades do macro-segmento composto por indivíduos que vivem sozinhos.

Referências

- BLACKWELL, Roger D.; MINIARD, Paul W.; ENGEL, James F. *Consumer behavior*. 9th ed. USA. South-Western – Thomson Learning. 2001.
- BOONE, Louis E.; KURTZ, David L. *Marketing contemporâneo*. 8^a. ed. Rio de Janeiro. Brasil. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1998.
- BORGES, Robinson. O impacto do homem só. *Jornal Valor Econômico*. Caderno Eu & Fim de Semana, p. 10 – 12. Junho, 2003.
- CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - VIII Recenseamento Geral 1970. Série Nacional, Volume I, Rio de Janeiro. IBGE, 1973. CD-ROM.
- CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1970 - Amostra: Regiões Centro-Oeste e Sul, Rio de Janeiro. IBGE, 1973. CD-ROM.
- CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1970 - Amostra: Região Sudeste, Rio de Janeiro. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1970 - Amostra: Regiões Norte e Nordeste, Rio de Janeiro. IBGE, 1973. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1970 - Amostra: São Paulo, Rio de Janeiro. IBGE, 1973. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - IX Recenseamento Geral 1980. Dados Gerais, Migração, Instrução, Fecundidade, Mortalidade, Rio de Janeiro. IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - IX Recenseamento Geral 1980. Dados Gerais, Famílias e Domicílios. Rio de Janeiro. IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra, cd-rom no. 7 . IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: Rio de Janeiro (partes 1 e 2). IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: Minas Gerais (parte 1). IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: Minas Gerais (parte 2). IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: São Paulo (partes 1 e 2, a e b). IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: São Paulo (parte 3). IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: São Paulo (parte 4). IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: RS e GO. IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: PE, SE, ES, MS e MT. IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: CE, RN, PB e AL. IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: RO, AC, AM, RR, PA, AP, FN, MA e PI. IBGE, 1983. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1980 – Amostra: Região Nordeste 4 - Bahia. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Censo Demográfico 1991 – Famílias e Domicílios – Resultados da amostra, no. 01. Rio de Janeiro. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Censo Demográfico 1991 – Migração – Resultados da amostra, no. 01. Rio de Janeiro. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: Região Sudeste 3 - São Paulo (parte 1 - Região Metropolitana). IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: Região Sudeste 4 - São Paulo (parte 2 - Região Metropolitana). IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: São Paulo (excluindo-se a Região Metropolitana). IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: São Paulo (meso-região de 9 à 13 e micro-região de 55 à 56 e 61 à 63). IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: Rio de Janeiro. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: RN, PB, PE e AL. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: MA, PI e CE. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: MG e ES. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: RS. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: SE e BA. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: PR e SC. IBGE, 1996. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: Região Nordeste 1 – MA, PI, CE, RN e PB. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: Região Nordeste 3 – BA. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 1991 – Amostra: Pernambuco, Alagoas, Sergipe. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Censo Demográfico 2000 - Características da População e dos Domicílios – Resultados do Universo. Rio de Janeiro. IBGE, 2001. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Censo Demográfico 2000 - Trabalho e Rendimento – Resultados da Amostra. Rio de Janeiro. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Censo Demográfico 2000 - Migração e Deslocamento – Resultados da Amostra. Rio de Janeiro. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Censo Demográfico 2000 - Famílias e Domicílios – Resultados da Amostra. Rio de Janeiro. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 2000 – Amostra: Rio de Janeiro. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 2000 – Amostra: Volume 3 – PB, PE. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 2000 – Amostra: Volume IV – AL, CE, SE. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 2000 – Amostra: Volume V – Bahia. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 2000 – Amostra: Volume 9 – Minas Gerais (parte 2). IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 2000 – Amostra: Volume 10 – São Paulo 1/3 – São Paulo (capital), Guarulhos, Campinas. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 2000 – Amostra: Volume XIII – Paraná. IBGE, 2003. CD-ROM.

CENSO DEMOGRÁFICO BRASIL - Microdados 2000 – Amostra: Volume XV – Rio Grande do Sul. IBGE, 2003. CD-ROM.

CURRY, David J. *The new marketing research systems. How to use strategic*

database information for better marketing decisions. New York. USA. John Wiley & Sons . 1993.

CZINKOTA, Michael R.; KOTABE, Masaaki; MERCER, David. *Marketing management: text and cases*. Oxford, UK, Blackwell Publishers, 1972.

ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX. Rio de Janeiro. IBGE, 2003. CD-ROM.

FERREIRA, Vivaldo. *Single: o grande mercado do consumo individual*. 2002. Disponível em < www.google.com >. Acesso em 09/04/2003.

HALEY, Russell I. *Developing effective communications strategy. A benefit segmentation approach*. USA. Ronald Press Publication. John & Sons . 1985.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em < www.ipea.gov.br >. Acesso em 23/02/2005.

KOTLER, Philip. *Administração de marketing – análise, planejamento, implementação e controle*. 4^a. ed. Tradução Ailton Bomfim Brandão. São Paulo. Brasil. Atlas. 1995.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. *Princípios de marketing*. 7^a. ed. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro. Brasil. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora. 1999.

LAMBIN, Jean-Jacques. *L'marketing stratégique – fondements, méthodes et applications*. 2e. ed. Paris. France. McGraw-Hill. 1989.

LAMBIN, Jean-Jacques. *Marketing estratégico*. 4^a. ed. Tradução Domingos Silva. Portugal. McGraw - Hill. 2000.

LIU, Jianguo; DAILY, Gretchen C.; EHRLICH, Paul R.; LUCK, Gary W. Effects of household dynamics on resource consumption and biodiversity. *Nature*, no. 421, p. 530 – 533. USA. Janeiro, 2003. Disponível em: < www.nature.com >. Acesso em 09/04/2003.

MADEIRA, Adriana Beatriz. *Estudo e caracterização do perfil da população que vive sozinha em centros urbanos brasileiros*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil. 2005.

MANUAL DO RECENSEADOR - Censo Demográfico 2000- Rio de Janeiro. IGBE, 2000. CD-ROM.

MARIZ, Juliana; BOCCIA, Sandra. O Rei da Cocada. Estampa. *Valor Econômico*. Fevereiro, 2003.

NIGRO, Soraia. Sozinho. *Supermercado moderno*. São Paulo. 2001. Disponível em < www.google.com >. Acesso em 11/03/2003.

PACHECO, Paula. A lucrativa diversidade. *Carta Capital*. Disponível em < www.cartacapital.com.br >. Acesso em 09/04/2003.

SMITH, Wendell R. Product differentiation and market segmentation as alternative marketing strategies. *Journal of Marketing*, vol. 21, p. 3/ 8, USA. July, 1956.

TOLEDO, Geraldo Luciano. *Segmentação de mercado e estratégia de marketing*. 1972. Tese de Doutorado. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

WEINSTEIN, Art. *Segmentação de mercado*. Tradução Celso A. Rimoli. São Paulo. Brasil. Atlas. 1995.

WILKINSON, Helen. Celebrate the new family. *New Statesman*, vol. 128, no. 4448. p. 21 – 23. London. UK. Agosto, 1999. Disponível em < <http://trial.ep.net.com> >. Acesso em 21/02/2005.